

DO PORTÃO PARA DENTRO: VIVÊNCIAS DE QUEM OUSA APRENDER E ENSINAR

Aleandra de Paiva Nepomuceno ¹

RESUMO

Sabemos da relevância da prática pedagógica para a aprendizagem das crianças. Consequentemente, refletir sobre a prática torna ainda mais significativo o nosso fazer docente, visto que é a partir da reflexão que transformamos nossa ação. Portanto, processo fundamental na constituição do saber-fazer docente. O presente relato centra-se na experiência voltada à alfabetização e letramento de crianças em ciclo alfabetização em escola pública municipal em Fortaleza. A atividade foi desenvolvida com crianças de 1º ano do Ensino Fundamental I de faixa etária entre 6 e 7 anos. O objetivo do estudo é estimular a alfabetização e letramento de crianças de forma significativa utilizando como recurso o universo no qual a criança está inserida. Para o presente relato de experiência realizamos um estudo bibliográfico que visou aprofundar a temática em questão, revisitando pressupostos teóricos importantes de autores como: Soares(2017); Moraes (2012); Garcia (2015), dentre outros estudos que tratam sobre alfabetização como Ferreiro (2011). A experiência permitiu enquanto educadora re(pensar) postura e prática pedagógica, fato que se faz cada vez mais necessário diante das necessidades que surgem no cotidiano escolar. E ainda, possibilitou experiências de alfabetização e letramento significativas utilizando o universo letrado relacionado ao meio social em que as crianças viviam.

Palavras-chave: Experiências significativas, Alfabetização, Letramento.

INTRODUÇÃO

Sabemos que antes mesmo da criança frequentar a escola ela já constrói seus primeiros indícios sobre a leitura e escrita em seu meio social. Entretanto, um dos grandes desafios do professor em nossa sociedade é alfabetizar crianças em meio a inúmeros problemas estruturais e sociais que interferem diretamente no processo ensino-aprendizagem e ainda propiciar experiências significativas de forma a favorecer esse processo. Neste sentido, sabemos da relevância da prática pedagógica para a aprendizagem das crianças e, consequentemente, da importância que é refletir sobre essa prática para o fazer docente, visto que é a partir do exercício da reflexão que transformamos nossa ação e nos construímos como profissionais do magistério.

Ao realizar leituras e estudos sobre o texto "Alfabetização tem conteúdos?", de Mairce Silva Araújo (ano), passei a me perguntar sobre como agregar mais práticas de letramento em minha sala de aula, utilizando experiências significativas para as crianças. Certo dia, ao sair da escola no final da tarde, observei que as crianças brincavam ativamente, corriam, pulavam e

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, especialista em Alfabetização de Crianças pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, aleynha@hotmail.com;

jogavam em frente ao posto de saúde da comunidade, enquanto aguardavam o ônibus para retornarem às suas casas. Fiquei imaginando que aquele era um espaço que muitas crianças usufruíam, mas pouco percebiam a dinâmica social presente no entorno da escola, a exemplo do papel social do posto de saúde para a comunidade. Assim, pensei em agendar uma visita à instituição e procurei a coordenação do posto para indagar sobre a possibilidade dessa atividade. Diante da receptividade à nossa demanda, planejei uma aula sobre a relação público e privado, pensando em todas as possibilidades de leitura que essa atividade nos proporcionaria.

O presente relato centra-se na experiência voltada à alfabetização e letramento de crianças em ciclo alfabetização em escola pública municipal em Fortaleza a partir de um projeto de monitoria realizado em uma escola pública municipal de Fortaleza. A atividade foi desenvolvida com crianças de 1º ano do Ensino Fundamental I de faixa etária entre 6 e 7 anos. O objetivo geral do estudo foi estimular a alfabetização e letramento de crianças de forma significativa utilizando como recurso o universo no qual a criança está inserida. Teve como objetivos específicos refletir sobre o fazer docente na e sobre a ação pedagógica de modo a favorecer a aprendizagem da criança; repensar a prática pedagógica a partir de diálogos e reflexões; refletir sobre o fazer docente na/e sobre a ação e compreender o processo de aprendizagem a partir de experiências relacionadas ao cotidiano das crianças.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa constou de um relato de experiência baseado na vivência de práticas de alfabetização e letramento com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I em uma escola pública municipal de Fortaleza. Teve sua fundamentação em um estudo bibliográfico que visou aprofundar a temática em questão, revisitando pressupostos teóricos importantes de autores como Soares (2017); Morais (2012); Garcia (2015), dentre outros estudos que tratam sobre alfabetização na perspectiva de Ferreira (2011).

DESENVOLVIMENTO

No dia agendado realizamos a visita, eu e meus alunos. Para as crianças, "o dia tinha chegado!". Antes, porém, uma roda de conversa sobre a relação público e privado, momento em que as crianças me surpreenderam! Perguntei: "O que vocês compreendem sobre o que é público? E elas me responderam: "É o que é de todo mundo!", respondeu um aluno. Outro

indagou: "A escola, isso é o que é "privada"?; pergunta seguida de muitos risos por parte dos colegas. Então um aluno respondeu: "É algo particular!". "Como assim?", questionei. Ele então continuou: "Tipo assim, eu tenho um amigo que estuda em uma escola que o pai dele paga. É uma escola particular, privada!". Perguntei em seguida por outros exemplos de serviços públicos, ao mesmo tempo em que questionava se nós realmente não pagávamos pelos serviços públicos. Indaguei se alguém ali já havia ouvido falar na palavra IMPOSTO. Expliquei que tudo que compramos tem nota fiscal, possui imposto (peguei neste momento um cupom fiscal), ou seja, um valor determinado que é dado ao governo. Perguntei quem sabia o que era um cupom e quem já havia visto um. Muitos falaram que os pais recebiam no supermercado do bairro, depois de "pagar as coisas no caixa". Perguntei também o que era governo. Alguns responderam ser o presidente, outros o prefeito e outros o governador. A discussão refletia a leitura para além da palavra, quando as crianças acionavam seus conhecimentos prévios sobre a leitura de mundo do qual elas estavam inseridas, das vivências que lhes permitiam refletir sobre sua realidade e assim compreendê-la. Como afirma Garcia,

Organizar o ensino da leitura e da escrita procurando criar condições para a apropriação da linguagem escrita como um instrumento de compreensão e intervenção na realidade implica, em primeiro lugar, possibilitar vivências com a leitura e a escrita que tenham relevância e significado para a vida da criança, algo que se torne uma necessidade para ela e que lhe permita refletir sobre sua realidade e compreendê-la. (GARCIA, 2015, p. 102)

Depois de uma longa conversa, bastante proveitosa, organizamos a fila, fizemos as devidas recomendações para a nossa visita em relação a organização e o comportamento que deveríamos ter na instituição, pois tratava-se, do posto de saúde, de um espaço coletivo que deveríamos respeitar. Em seguida partimos para a visita. Inicialmente circulamos por todo o posto, parando logo depois na coordenação. Bem próximo tinha um quadro com informativos, mapas, gráficos e tabelas, que logo exploramos com as crianças. Elas faziam a leitura dos gráficos, identificavam os distritos (SER), liam cartazes etc. Concordamos com Ferreiro (2011) quando ela afirma que:

A língua escrita é um objeto de uso social, com uma existência social (e não apenas escolar). Quando as crianças vivem em um ambiente urbano, encontram escritas por toda parte (letreros da rua, vasilhames comerciais, propagandas, anúncios da tevê, etc). No mundo circundante estão todas as letras, não em uma ordem pré-estabelecida, mas com a frequência que cada uma delas tem na escrita da língua. Todas as letras em uma grande quantidade de estilos e tipos gráficos. Ninguém pode impedir a criança de vê-las e se ocupar delas. Como também ninguém pode honestamente pedir à criança que apenas peça informação à sua professora, sem jamais pedir informação a

outras pessoas alfabetizadas que possa ter à sua volta (irmãos, amigos, tios...). (FERREIRO, 2011, p. 38).

As placas nas portas das salas foram outros objetos explorados, bem como os serviços disponíveis à população, como a vacinação, a pediatria, farmácia e a odontologia. Neste último setor as crianças tiveram a oportunidade de entrar no momento em que a dentista verificava um raio X. Todas ficaram encantadas em explorar aquele espaço, o mesmo se dando em relação à turma de alunos da tarde, que mostravam se divertir com a experiência. Uma das crianças, um aluno que geralmente apresentava um comportamento de pouca concentração nas atividades, participava ativamente, dizendo ele que sua mãe já trabalhara ali e mostrando-se bastante à vontade com a visita, participando inclusive da leitura de todas as placas que via pela frente: "Tia esse nome aqui é coordenação, né? Igual a coordenação lá da escola!". E assim ele seguiu durante todo o passeio. Ao final, pedi junto à coordenação que me dessem cartazes de campanhas de vacinação para que eu pudesse abordar em sala de aula em um momento posterior, quando buscaria explorar o que as crianças haviam construído durante toda aquela vivência. Segundo Garcia,

A escola pode ser um espaço privilegiado para plantar a semente do prazer de aprender. Para isso, é preciso reconhecer a criança como produtora de conhecimento, alguém que está sempre indagando e procurando respostas para tudo que vê, ouve, toca, sente... e, nesse sentido, à medida que encontra respostas, vai produzindo conhecimento a respeito do mundo. A curiosidade é uma característica natural, que provoca no ser humano o desejo de aprender. (GARCIA, 2015, p. 110)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência me permitiu, como educadora, re(pensar) posturas e práticas pedagógicas. Ao desenvolver uma postura docente investigativa, passei a repensar minha própria prática em busca de mais situações significativas que envolvessem as crianças. Segundo Mello (2000),

O professor competente não se limita a aplicar conhecimentos, mas possui características do investigador em ação: é capaz de problematizar uma situação de prática profissional; de mobilizar em seu repertório ou no meio ambiente os conhecimentos para analisar a situação.

Auxiliada pelas leituras e as necessidades decorrentes do cotidiano da sala de aula, foi possível mobilizar conhecimentos a partir da relação teoria e prática e a partir da busca das competências necessárias e imprescindíveis ao fazer docente. Sobre a relação teoria e prática na constituição da competência, afirma Mello (2000),

A insistência com a relação teoria e prática decorre do conceito de competência: competência se constrói em situação; não é "conhecimento de", muito menos "conhecimento sobre", mas é conhecimento que pode ser mobilizado para agir e tomar decisões em situações concretas. Situações da vida real envolvem sempre um componente imponderável e imprevisível. No ensino, isso é mais do que verdadeiro.

A relação teoria e prática permeou todo o processo, refletindo na/e sobre a ação em busca da emancipação dos sujeitos envolvidos no processo.

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos em si) que têm efeitos mais perduráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros. (FERREIRO, 2011, p. 33)

Assim, a experiência possibilitou vivências de alfabetização e letramento significativas utilizando o universo letrado relacionado ao meio social em que as crianças viviam. Certamente uma experiência significativa para a docente e para as crianças, afinal, ao buscarmos a inserção de nossos alunos na cultura letrada de forma prazerosa estamos contribuindo de forma adequada e efetiva para o desenvolvimento de leitores competentes.



Foto 1. Visita so consultório odontológico



Foto 2. Visita so consultório odontológico



Foto 3. Letramento matemático

Essa visita propiciou também o letramento matemático com o reconhecimento de gráficos e tabelas ligados à situações reais. Pois os gráficos e tabelas referiam-se ao quantitativo de doenças como dengue e chikungunya na comunidade das crianças.



Foto 4. Leitura de gráficos e tabelas



Foto 5. Leitura das placas nas portas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato teve suas origens nas inquietações de uma professora alfabetizadora. Oferece subsídios para um trabalho com práticas significativas de alfabetização e letramento, tornando a sala de aula um ambiente por excelência de vivências com a relação teoria e prática. Em um mundo cada vez mais dinâmico, a reflexão e a relação teoria e prática são condições *sine qua non* para um fazer docente significativo, consciente de seu papel pedagógico e, sobretudo, político. Conforme aponta esse trabalho, o docente da educação básica tem em sua sala de aula um lócus privilegiado à pesquisa, cabendo cada vez mais à escola a socialização e discussão de práticas pedagógicas que se apoiem na relação entre conteúdo/conhecimento escolar e realidades sociais contextualizadas.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. 26. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília. O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

GARCIA, R. L. A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática. 6.ed. – São Paulo: Cortez, 2015.

MELLO, G. N. de. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. São Paulo em perspectiva, v. 14, n. 1, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012 Acesso em: 29 de jul. de 2019.

MORAIS, Artur Gomes de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.